

Índio Urbanos¹

Bruno de Sá GUIMARÃES²

Janna Gabrielle de Oliveira FARIAS³

Mauro da Silva AZEVEDO JÚNIOR⁴

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA⁵

Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Parintins, AM

RESUMO

Este paper relata o desenvolvimento da grande reportagem denominada **Índios Urbanos**, que aborda histórias de indígenas da etnia Sateré-Mawé que migram da Aldeia de Ponta Alegre/Andirá para a cidade de Parintins-AM em busca de melhores condições de vida. Retrata principalmente as motivações e consequências desse movimento migratório e pretende, como um meio de comunicação alternativo fundamentado na Mídia Radical, promover espaço na mídia aos indígenas, para que eles possam expressar seus anseios e dificuldades e, assim, romper com a imagem estereotipada e preconceituosa que a sociedade hegemônica possui sobre eles.

Palavras-Chave: Sateré-Mawé; Grande Reportagem; Migração; Índios Urbanos.

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório expõe as etapas de construção da Grande Reportagem **Índios Urbanos**, que retrata o movimento migratório dos Sateré-Mawé da Aldeia de Ponta Alegre para a Cidade de Parintins, desenvolvido como Trabalho de Conclusão do

¹Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Grande Reportagem.

²Aluno líder do grupo e graduando do curso de Comunicação Social/Jornalismo. E-mail: brunnoosa@hotmail.com

³Estudante graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: janna_farias18@hotmaill.com

⁴Estudante graduando do curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: maurojr_04@hotmaill.com

⁵Orientador do Trabalho. Professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: rafaelbellan@gmail.com.br

Curso de Comunicação Social/Jornalismo, do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

A aldeia de Ponta Alegre localiza-se nas Terras Indígenas Sateré-Mawé Andirá-Marau, na margem esquerda do rio Andirá, distante, aproximadamente, 94 km do município de Parintins, no Baixo Amazonas. Segundo dados da Coordenadoria Técnica Regional da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Ponta Alegre possui uma população estimada em aproximadamente 600 habitantes, divididos em 136 famílias.

Para entender porque se dá a migração dos indígenas da aldeia de Ponta Alegre para a cidade de Parintins, trabalho propõe uma abordagem que parte de um contexto mais amplo sobre a migração indígena para as especificidades da organização socioeconômica e cultural da etnia Sateré-Mawé, tanto na aldeia quanto no município.

Com intuito de dar voz ao grupo social que faz parte do trabalho, este produto engloba os conceitos que John Downing (2004) realiza sobre a mídia radical, elemento que proporciona um espaço às classes minoritárias por meio da mídia alternativa, algo que buscamos na grande reportagem **Índios Urbanos**.

Por fim, mostrar os fatores e as consequências do processo migratório do grupo com o qual este trabalho se desenvolveu, bem como as perspectivas que foram elencadas ao nosso conhecimento pessoal e profissional, por meio do trabalho realizado junto aos indígenas Sateré-Mawé da aldeia de Ponta Alegre.

2 OBJETIVOS

GERAL:

- ✓ Produzir uma Grande Reportagem apresentando uma reflexão sobre os principais fatores e consequências da migração dos índios Sateré-Mawé da comunidade de Ponta Alegre/Andirá-Marau para a cidade de Parintins – Am.

ESPECÍFICOS:

- ✓ Investigar junto aos índios Sateré-Mawé provenientes da comunidade de Ponta Alegre/Andirá-Marau os fatores que levam à migração para a cidade de Parintins.
- ✓ Verificar junto às instituições e órgãos públicos responsáveis pela assistência aos indígenas na cidade de Parintins a maneira como auxiliam na inserção dos índios Sateré-Mawé no contexto urbano.
- ✓ Identificar as dificuldades e os benefícios do movimento migratório dos Sateré-Mawé para a cidade de Parintins.
- ✓ Registrar por meio de vídeo os relatos dos índios Sateré-Mawé sobre o processo migratório para o contexto urbano.

3 JUSTIFICATIVA

As motivações para o desenvolvimento deste trabalho se deram devido à nossa participação em atividades relacionadas às questões indígenas, como o projeto de extensão “Vídeo nas Aldeias”, a criação de uma página webjornalística na rede social Facebook denominada “Mundurukânia – Do índio Mídiatizado ao Índio Real” e do artigo científico folkcomunicacional “A Marginalização dos Indígenas em Parintins”, atrelada a isso está a relevância em se compreender os fatores que levam à migração dos Sateré-Mawé da aldeia de Ponta Alegre, nas terras indígenas Andirá-Marau, para as zonas urbanas do município de Parintins, interior do Estado do Amazonas, a 369 km da capital Manaus, bem como as consequências que esse movimento migratório ocasiona a esse grupo social que, neste trabalho, por meio da mídia radical, torna-se porta-voz para um entendimento mais amplo sobre a temática. Segundo Downing (2004, p. 10), a mídia radical faz

[...] explodir os bloqueios oficiais à expressão pública e dão ressonância às vozes discordantes, minoritárias, subjugadas e portadoras de impulso de mudança [...] As mídias radicais colocam

em evidência o imenso potencial estético, cognitivo, comunicativo e mobilizador dos meios massivos de expressão.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia adotada para a construção da reportagem à qual este paper se refere possibilitou a captação de imagens de modo não linear, onde a disposição das entrevistas no produto não segue a ordem cronológica das filmagens. Sobre grande reportagem, Penzani (2009) afirma que:

[...] parece ser a mais destemida e despreziosa – ainda que seja, paradoxalmente, a mais completa. Nesse gênero, são assumidos uma porção de medos que permeiam a vaidade do jornalista, pois é apuração de uma história, por exemplo, que se pode descobrir que são os fatos que guiam uma matéria, e não o jornalista.

Para melhor desenvolvimento na construção do produto, baseado nos estudos de Puccini (2012), o trabalho foi subdividido em três etapas: Pré-Produção, filmagem e pós-produção.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O trabalho de levantamento de dados para a construção da Grande Reportagem **Índios Urbanos** teve início na cidade de Parintins com visitas aos órgãos responsáveis pelas causas indígenas como a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, o Distrito Sanitário Especial Indígena de Parintins – DSEI e a Coordenação da Educação Indígena da Secretaria Municipal de Educação, desporto e Lazer de Parintins – SEMED. Sobre a migração indígena Ferreira e Rodrigues (2012, p. 25) afirmam que “a migração transforma-se em uma estratégia de sobrevivência, na procura de melhor condição de vida, ou simplesmente (e tragicamente) da necessidade de sobreviver”.

A coordenadoria técnica regional da FUNAI disponibilizou uma lista, com atualização de dados feita no ano de 2012, contendo o nome, endereço e etnia dos indígenas residentes na zona urbana do município de Parintins. De posse dessa lista, que contém 115 residências cadastradas, iniciamos as visitas e as pré-entrevistas com os

indígenas durante três semanas do mês de setembro de 2014. As pré-entrevistas tornam-se o fio-condutor para a realização de qualquer trabalho, pois é por meio delas que os pesquisadores conhecem melhor seus objetos de estudo e, conseqüentemente, o contexto no qual estão inseridos. Sobre isso, Puccini (2012, p. 33) afirma que:

Pré-entrevistas marcam o primeiro contato entre documentarista, ou sua equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. São úteis tanto para fornecer informações, ou aprofundar outras já coletadas, quanto para servir de teste para avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera [...] e à articulação verbal do entrevistado.

O maior desafio enfrentado nesta etapa do trabalho foram os desencontros de informações contidas na listagem disponibilizada pela FUNAI, pois se constatou que grande parte dos indígenas não reside mais nos locais descritos na lista. Além disso, houve casos nos quais as famílias cadastradas pela Fundação residiam nas aldeias e deslocavam-se à cidade somente nos finais dos meses para receber aposentadoria ou outro tipo de benefício.

Em contrapartida, deparamo-nos com parentes e/ou conhecidos destes indígenas que, mesmo não fazendo parte da lista fornecida pela FUNAI, se disponibilizaram a dar informações e relatar suas histórias de vida. Dessa forma, visitamos um total de 65 famílias Sateré-Mawé residentes na zona urbana da cidade de Parintins, dentre essas, selecionamos quatro indígenas provenientes da aldeia de Ponta Alegre para fazerem parte da Grande Reportagem.

4.2 FILMAGEM

Os equipamentos utilizados para as filmagens foram: uma câmera fotográfica e filmadora Canon T3i, lente Canon 50 mm, com abertura de 1.4; uma lente teleobjetiva 18-135 mm, com abertura de 3.5 a 5.6; uma lente zoom, 70-300mm, abertura de 4 a 5.6 mm; suporte de um tripé profissional E-image, modelo 7050; um microfone tipo boom, Yoga; as imagens foram capturadas em cinco cartões SD, marca Transend, de 32 Gb; dois iluminadores portáteis a led, marca Nanguang, modelo Cn-160; e um gravador de áudio reserva, modelo H1.

Com o intuito de fazer com que a representação da realidade evidenciada na Grande Reportagem **Índios Urbanos** reflita a verdadeira essência das atividades realizadas pelos entrevistados no dia-a-dia, percebemos a necessidade de estimular situações, antes da realização da entrevista, até que o entrevistado se sentisse à vontade em relatar sua história de vida. Essa estratégia foi fundamental para a captura de imagens de apoio que subsidiavam as falas dos entrevistados.

Nesse aspecto, para evidenciar maior naturalidade no momento dos relatos, decidimos posicionar os entrevistados não em direção à câmera, mas sim ao entrevistador que está fora do quadro de filmagem, mais especificamente ao lado do cinegrafista. Assim, a câmera foi posicionada em um ângulo horizontal-vertical em relação à posição do entrevistado, o que proporciona ao espectador uma ideia de maior intimidade com o depoimento dos agentes sociais que compõem o Grande Reportagem. De acordo com Puccini (2012, p. 69):

Uma preocupação do diretor na filmagem de entrevista deve ser com a do direcionamento do olhar do entrevistado. A direção do olhar é guiada pela posição do entrevistador, que pode estar dentro ou fora do quadro. Estando o entrevistador fora do quadro, uma única direção do olhar estabelece, para o espectador, uma conversa com uma só pessoa, mesmo que a voz dessa pessoa, o entrevistador, não seja ouvida.

Dessa forma, grande parte dos enquadramentos utilizados nas filmagens foram em planos médio, close e detalhe, em ângulo horizontal-vertical. O som foi captado com o microfone da própria câmera e com o auxílio do microfone boom. No que diz respeito à iluminação, foi utilizada a luz ambiente e artificial. A utilização do tripé foi indispensável para sustentação da câmera e da fonte de luz, porém, houve momentos nos quais ocorreu o manuseio da câmera sem a utilização do tripé, para que fossem captadas imagens com a câmera em movimento.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

Nesta etapa, assistimos um total de 12 horas de filmagens, incluindo entrevistas e imagens de apoio. Selecionamos as cenas com maior relevância para, posteriormente,

realizarmos a montagem da Grande Reportagem. Durante esse processo, optamos por anotar o tempo de cada fala e o conteúdo relatado por cada entrevistado.

Para dar início a edição das cenas selecionadas para a Grande Reportagem **Índios Urbanos**, utilizou-se a plataforma Adobe Premiere CS6. O programa possibilita a montagem das cenas e a inserção dos elementos gráficos, caracteres, trilha sonora e videografismo.

Para dar suporte às imagens e, conseqüentemente, aos relatos, usamos trilhas sonoras, livres de direitos autorais, relacionadas à temática indígena. Todo esse processo teve a duração de 20 dias até a conclusão da montagem da Grande Reportagem. Por conseguinte, foi gravada em DVD vídeo para apresentação final.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A grande reportagem denominada **Índios Urbanos** tem a duração de 26 minutos e 55 segundos, tem estilo direto e abordagem participativa. Reproduzida em DVD, possui uma capa contendo o título da reportagem, arte gráfica, nome dos diretores e orientador. A contracapa contém uma breve sinopse do conteúdo abordado no produto, bem como fotografias de algumas cenas que constam na obra.

A primeira sequência do Grande Reportagem inicia com imagens do dia-a-dia dos indígenas na aldeia de Ponta Alegre, com trilha sonora instrumental ao fundo e o relato do Tuxaua situando o lugar, a quantidade de famílias e moradores da aldeia. Nessa mesma sequência, o tuxaua expõe a visão estereotipada dos indígenas que a mídia repassa à sociedade e afirma que a realidade da etnia Sateré-Mawé é completamente outra. Evidencia ainda a migração dos índios rumo às cidades.

A segunda sequência inicia com trilha sonora instrumental ao fundo e o videografismo de apresentação do título da Grande Reportagem, logo após surgem imagens de embarcações navegando pelo rio. Apresenta-se a cidade de Parintins e logo em seguida o Coordenador Técnico Regional da FUNAI falando sobre a migração indígena, seguido do tuxaua e do sociólogo.

A terceira sequência inicia com um breve clipe contendo imagens da escola da aldeia de Ponta Alegre e de uma escola da cidade de Parintins. Nessa sequência os

entrevistados relatam sobre a educação, tanto na aldeia quanto na cidade, como um dos principais motivos da migração para as zonas urbanas.

A quarta sequência se inicia com a imagem de uma indígena falando na língua Sateré-Mawé e em seguida relata sobre o não repasse dessa identidade cultural para seus descendentes. Os demais entrevistados nessa sequência também relatam sobre o assunto que é colocado como uma das consequências do movimento migratório dos índios para a cidade.

A quinta sequência tem início com uma trilha sonora instrumental e ao mesmo tempo planos detalhes de uma indígena que fala sobre o preconceito que sofre no meio urbano, assim como os demais indígenas que relatam nessa sequência.

A sexta sequência se inicia com uma trilha sonora instrumental, atrelada a um clipe de imagens do trajeto de uma indígena que sai da sua casa para realizar tratamento em um posto de saúde. Em seguida a Coordenadora Distrital do DSEI/Parintins, relata sobre o papel do órgão no auxílio aos índios urbanos. Nessa sequência outros indígenas também relatam sobre a dificuldade no acesso ao tratamento de saúde, e colocam essa problemática, também, como um dos principais fatores da migração.

A sétima sequência tem início com uma trilha sonora instrumental, com uma série de imagens do cotidiano do indígena na roça da Aldeia de Ponta alegre, juntamente com a narração e aparição do tuxaua relatando como é o meio de subsistência do indígena na área. Nessa sequência os índios urbanos também relatam como sobrevivem na cidade, o modo de trabalho e as dificuldades que enfrentam.

A oitava sequência se inicia com uma trilha sonora instrumental e um clipe que evidencia a fachada da Casa do Índio da cidade de Parintins e também imagens do interior do local, acompanhado do relato do Tuxaua de Ponta Alegre, sobre a situação dos que moram no lugar. A sequência segue com relatos dos índios urbanos falando sobre essa questão, juntamente com imagens de apoio que dão gancho para o próximo assunto.

A nona sequência inicia com imagens de apoio do Tuxaua de Ponta Alegre, acompanhada de uma rápida trilha sonora instrumental. Ele fala sobre a falta de assistência aos índios que vivem na cidade. A sequência segue com relatos dos índios urbanos sobre a mesma questão. Evidencia-se a ineficiência das políticas públicas voltadas ao índio. Essa sequência se encerra com o apelo de uma indígena às

autoridades e um breve texto sobre a quantidade de índios urbanos que vivem na cidade de Parintins.

A décima sequência é o encerramento do Grande Reportagem contendo os créditos, uma trilha sonora instrumental e imagens dos indígenas que residem em Parintins.

Contudo, **Índios Urbanos** é uma grande reportagem que retrata os fatores e as consequências do processo migratório dos índios da etnia Sateré-Mawé da Aldeia de Ponta Alegre/Andirá para a cidade de Parintins/AM. O produto evidencia, por meio da oralidade, o modo como os indígenas se organizam no contexto urbano e as dificuldades enfrentadas por eles.

6 CONSIDERAÇÕES

Falar sobre o movimento migratório dos indígenas Sateré-Mawé da Aldeia de Ponta Alegre/Andirá para a cidade de Parintins-AM é ficar diante de um leque de questões pertinentes ao modo de organização social, econômico e cultural desse grupo que, devido a imagem preconceituosa vinculada pela mídia hegemônica e à ideologia vigente na sociedade que relaciona a imagem do índio à selva, a um ser desprovido de anseios, é condicionado às posições subalternas no meio urbano.

Os indígenas que migram para as cidades, geralmente, buscam suprir a ineficiência dos serviços básicos como educação, saúde e trabalho nas aldeias. Em Parintins, é notório o grande fluxo migratório de indígenas que idealizam encontrar na cidade aquilo que o seu local de origem não dispõe. No entanto, se deparam com uma realidade totalmente avessa àquela imaginada por eles e, a busca por melhorias nas condições básicas de vida transforma-se em uma luta constante pela sobrevivência na cidade.

Portanto, a grande reportagem **Índios Urbanos** pode ser considerada um produto que abarca elementos que fomentam novas perspectivas e, conseqüentemente, incitam o desenvolvimento de pesquisas e produtos relacionados à temática indígena, mais especificamente, sobre o movimento migratório para as zonas urbanas. Além de promover uma nova ótica à sociedade hegemônica sobre a imagem indígena, nesse caso dos índios urbanos Sateré-Mawé, provenientes da Aldeia de Ponta de Alegre, e assim

romper com o preconceito que esse grupo minoritário enfrenta na sociedade parintinense.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** Tradução Silvana Vieira. – 2ª ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FERREIRA, Gerson André. RODRIGUES, Renan. **Amazônia: Chaves Múltiplas para Interpretação da Realidade.** – São Paulo: Scortecci, 2012.

PENZANI, Renata Caroline. **A Grande Reportagem e o Livro-Reportagem: Ferramentas Estratégicas do Repórter e Lugar Vital das Grandes Narrativas Jornalísticas.** 2009 – Disponível em <http://www.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecotec2009/anais/1154-1165PENZANI.pdf> Acessado em 20 de março de 2015.

PUCCINI Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós-produção.** – 3ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. – (Coleção Campo Imagético)